

PIADAS: CONCEITUAÇÃO, CONSTITUIÇÃO E PRÁTICAS *

Kassandra da Silva MUNIZ

RESUMO *Este artigo é um resumo da dissertação: “Piadas: Conceituação, Constituição e Práticas”. Trata-se de um estudo sobre o gênero piada que tem como objetivo fornecer elementos para que a piada possa ser considerada um gênero. A nossa preocupação em querer considerar o contexto e as práticas nas quais se insere a piada, nos levou a selecionar um corpus, composto através do envio de e-mails, de mais de 450 piadas, obtidas através da colaboração de alunos graduandos e pós-graduandos da área de Letras/Linguística. Nossa intenção foi a de observar o que pessoas que lidam com textos/discursos em seus cotidianos concebiam como piada, a fim de confirmar a nossa hipótese de que nem todo texto enquadrado no gênero piada, realmente pode ser considerado como tal. Essa hipótese foi confirmada partindo dos critérios que elencamos como necessários para um texto ser considerado como pertencente ao gênero piada, aspectos estes que procuraram contemplar características textuais, nas quais destacamos o traço inerentemente narrativo, a nosso ver, que este gênero possui; características quanto à recorrência de temas, numa perspectiva ideológica, que estão mais presentes nas piadas; e, embora num enfoque discursivo e não etnometodológico, apontar os possíveis “locais” de circulação das piadas, isto é, as práticas nas quais podemos encontrá-las e a função que elas exercem nesses contextos.*

PALAVRAS-CHAVE: *Texto/Discurso; Gênero; Humor; Piada; Práticas.*

ABSTRACT *Cette article est une resume d'une étude: “Blagues: Conceptualisation, Constitution et Pratiques. C'est une étude sur le genre « blague » et notre objectif est d'indiquer certains éléments pour que la blague puisse être considérée comme un genre. Notre souci de considérer le contexte et les pratiques dans lesquelles est insérée la blague nous a amené à sélectionner un corpus de 450 blagues que nous ont envoyées – par internet - des étudiantes en Lettres et Linguistique. Notre objectif consistait à*

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentado ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 24 de maio de 2004, orientada pela Profa. Dra. Ingedore Grunfeld Villaça Koch.

observer ce que les personnes - qui travaillent dans leur quotidien avec des textes/discours - conçoivent comme une blague, afin de confirmer notre hypothèse : à vrai dire, ce n'est pas tout texte considéré comme une blague qui peut l'être. Cette hypothèse, nous l'avons confirmée à partir des critères qui nous avons sélectionnés comme nécessaires pour qu'un texte puisse être considéré comme appartenant au genre « blague ». Ces critères aident à examiner les caractéristiques textuelles, parmi lesquelles nous avons mis en évidence le trait narratif inhérent au genre et la récurrence des thèmes idéologiques qui sont le plus souvent présents dans les blagues. Enfin, dans une perspective discursive, nous avons montré les possibles lieux de circulation des blagues, c'est-à-dire les pratiques où nous pouvons les trouver, et la fonction qu'elles remplissent dans ces contextes.

MOTS-CLÉS: *Texte/discours; Genre; Humour; Blague; Pratiques.*

Três sujeitos caminhando lado a lado, na hora do almoço. O orientador, O Bolsista de pós-graduação e o Bolsista de Graduação. De repente, eles vêem uma lâmpada velha, dessas bem antigas, das MIL e UMA Noites. O orientador pega a tal lâmpada e da uma esfregadinha com a mão... Logo aparece uma fumaceira e sai um Gênio, daqueles grandes logo dizendo....

-Normalmente eu concedo TRÊS desejos, mas já que vocês são três, um para cada um...

O bolsista de graduação gritou... - Primeiro eu, primeiro eu !

OK, disse o gênio...

- Gênio, quero ir para as Bahamas, ficar por lá com uma escrava sexual colocando uvas na minha boca, à beira da piscina do melhor hotel que tiver por lá e sem nenhum tipo de preocupação monetária ou de saúde.

Buum ! O cara desapareceu.

- Agora eu, gritou o bolsista de pós-graduação...

- Pode falar, disse o GÊNIO.

- Seu Gênio, me manda para Honolulu. Quero duas gatas dessas bem gostosas para me acompanhar, ficar fazendo surf o ano inteiro, só coçando o saco e cheio de piña colada pra tomar, à vontade mesmo....

BUM! Lá foi o cara embora para os Mares do Sul. Então o Gênio falou para o orientador...

- Agora você !

E este diz...

- Quero esses dois de volta no laboratório depois do almoço.

Moral da história: deixe o orientador sempre falar primeiro.

Algumas considerações sobre o corpus: por que trabalhar com piadas?

Antes de tudo, a escolha por esse corpus se deu por seu caráter desafiante, por se tratar de produções ditas “não-sérias”. É instigante estudar um gênero que é tão presente em nossas interações cotidianas, e que, no entanto, conta com pouca literatura sobre o assunto e com tão pouco interesse acadêmico/científico. Há uma produção considerável no que se refere a humor em geral, porém ela se concentra geralmente em áreas outras que não a lingüística.

Attardo e Chabanne (1992) enumeram, também, razões para se trabalhar com piadas. Segundo estes autores, essas razões são auto-evidentes, a saber:

- 1- As piadas são textos pequenos e condensados;
- 2- Elas possuem um certificado de “graça”;
- 3- O único modelo de uma teoria formal de humor existente, o de Raskin (1985), foi baseado em piadas;
- 4- As piadas são teoricamente interessantes para quem quer trabalhar com humor.

Não pretendemos aqui esmiuçar cada uma das razões, pois elas são auto-explicativas, porém talvez caiba uma ressalva quanto às duas primeiras características citadas. Em relação à primeira, cremos que é importante destacar que a pouca extensão da maioria das piadas não significa que estas sejam *a priori* dados bons ou ruins de se trabalhar. A complexidade dos dados de pesquisas na Linguística não se mede por uma questão de extensão, dado que há áreas da Linguística que trabalham no nível da frase, por exemplo, e são tão relevantes e importantes quanto os estudos que trabalham com longos textos. A característica dois é taxativa demais, a nosso ver, porque há pessoas que não acham a piada um gênero engraçado. Isso pode se dar por diversas razões, que não serão discutidas aqui, pois não constituem objeto deste artigo; porém, a título de exemplificação, poderíamos dizer que uma possível razão é o fato de que, muitas vezes, falta conhecimento de mundo ou/e de uma cultura específica para entender certas piadas, principalmente as que possuem um teor político; e, se não conseguimos entender uma piada, não achamos graça nela.

Possenti (2002) também ressalta a importância e a utilidade das piadas, tanto para quem deseja estudar fatos estritamente circunscritos à língua, no que concerne ao seu funcionamento, por exemplo, ou para quem deseja fazer um estudo mais etnográfico, por assim dizer; isto é, analisar por meio das piadas, os valores e problemas da nossa sociedade. Porém, com toda essa riqueza que possuem as piadas, Possenti (1998) afirma que *ainda* (grifo meu) não existe uma “linguística do humor”. Segundo ele, isso se dá por três principais razões:

- a) não há uma linguística que tenha tomado por base textos humorísticos para tentar descobrir o que faz com que um texto seja humorístico, do ponto de vista dos ingredientes linguísticos;
- b) no caso de se concluir que o humor não tem origem linguística, que ele não é da ordem da língua, não há uma linguística que explicita ou organize os ingredientes linguísticos que são acionados para que o humor se produza;
- c) não há uma linguística que se ocupe de decidir se os mecanismos explorados para a função humorística têm exclusivamente essa função ou se se trata do agenciamento circunstancial de um conjunto de fatores, cada um deles podendo ser responsável pela produção de outro tipo de efeito, em outras circunstâncias ou em outros gêneros textuais/discursivos.

É por essas razões, e também pelas apontadas por Attardo e Chabanne (1992), que tivemos despertado o interesse por analisar piadas. A escolha por este gênero se deu, principalmente, pelos seguintes fatos:

1. constitui um desafio trabalhar com um gênero não muito explorado em pesquisas e não muito benquisto pela academia, pelo fato de possuir um caráter lúdico. Além disso, a piada não é valorizada por ser um gênero eminentemente pertencente à cultura popular e que, geralmente, “fere” a ética, por abordar alguns temas que são vistos como politicamente não-corretos pela sociedade. Como bem salienta Raskin (1985:19), o fato de, apesar de ter crescido o interesse por se estudar piadas, ainda haver uma certa resistência em vê-las como algo digno de reconhecimento e credibilidade, se dá porque os entraves referentes ao estudo de piadas são “típicos de campos interdisciplinares, aqui provavelmente agravados pela crença ampla e talvez inconsciente de que nada agradável, divertido, seja um assunto respeitável para um campo acadêmico”;
2. as piadas são textos extremamente ricos para as considerações que faremos a respeito das estratégias textuais-interativas presentes em todos os gêneros, como também das elocubrações que tencionamos fazer no tocante ao grande laboratório em que consiste a piada quando se quer observar as práticas discursivas e sociais que perpassam nossa sociedade.

Os textos escolhidos para fazer parte do nosso *corpus* não foram retirados de almanaques nem de coletâneas de piadas. Todos os textos foram recebidos via e-mail por sujeitos pertencentes à Academia, graduandos ou pós-graduados, que foram ou são estudantes de Letras ou Linguística. Esse critério foi usado com o objetivo de analisar o que pessoas que possuem um alto nível de escolaridade e, não apenas isso, lidam com textos de diversos gêneros o tempo todo, entendem por piada. A nossa hipótese era de que essa metodologia poderia vislumbrar algo sobre nossas práticas em relação ao humor e, mais especificamente, à piada, uma vez que supusemos que, em sua maioria, as pessoas iriam associar todo texto que tem humor como pertencente ao gênero piada. Questionamos esse senso comum delimitando, caracterizando e “classificando” os textos que poderiam ser, segundo os critérios que fomos construindo ao longo da dissertação, “enquadrados” como pertencentes ao gênero piada. Para que esse objetivo fosse alcançado, nos utilizamos de teorias e estudos que tratavam o humor desde uma perspectiva filosófica até uma perspectiva mais semântico-discursiva.

É importante salientar que a dissertação não teve um capítulo de análise propriamente dito, porque o nosso objetivo era de teorizar mais sobre a complexidade da tarefa que nos propomos, que foi caracterizar o gênero piada, do que analisar o que geralmente se toma como piada. Outra ressalva que pretendemos fazer é que as análises de todas as piadas tiveram um caráter essencialmente, mas não unicamente, textual-

discursivo: isto é, as piadas não foram analisadas do ponto de vista dos níveis estritamente lingüísticos (fonologia, morfologia, sintaxe, etc.), a não ser quando necessário, uma vez que salientamos os aspectos textuais-discursivos. Contudo, tratou-se apenas de colocá-los em relevo, por uma questão de preocupação particular, e não de postular uma separação entre língua e discurso. Essas noções estão intrinsecamente ligadas e, além disso, “as análises das piadas mostram que as questões de língua são sempre questões de discurso, pela simples razão, que as piadas exibem quase à luz do dia, de que as questões de discurso sempre são questões às quais não podem faltar os ingredientes da língua.” (Possenti, 1998:518)

Além disso, as análises presentes na dissertação em nenhum momento pretenderam ser exaustivas: elas estão presentes nos capítulos mais para dar uma contribuição/ilustração da teoria do que propriamente para encerrar um fim nelas mesmas. Na verdade, fizemos dois movimentos para que a descrição do gênero fosse possível: primeiramente, à medida que fomos expondo a teoria, realizamos algumas análises para que ela pudesse ser comprovada nas piadas; porém, ao mesmo tempo, partimos da observação do que consideramos ser piada, para buscar a teoria que nos ajudasse a comprovar a nossa hipótese de que nem tudo que produz um efeito de humor é piada.

O nosso objetivo na dissertação não foi em nenhum momento dar respostas prontas e acabadas. Nos ancoramos antes de tudo em perguntas do que em respostas, antes de tudo em processos do que em produtos. É importante que se saiba que quando nos vimos à volta com uma quantidade de textos que recebemos como sendo piadas, e percebemos que nem todas elas poderiam ser tomadas como tal, nos perguntamos: como pensar em critérios para fundamentar nossa hipótese? Como fundamentar a hipótese de que se pensa que todo texto que tem algum efeito de humor é piada? Como desmistificar isso e construir um aparato teórico que sustente essa hipótese? E uma discussão anterior: como alçar a piada à categoria de gênero textual-discursivo, nosso objetivo na dissertação?

Estabelecer critérios sempre é muito difícil e como não havia antes um trabalho que ajudasse a nortear o nosso, enfrentamos alguns problemas:

Primeiro: Buscar um aparato teórico que fundamentasse a pesquisa. Como há poucos trabalhos sobre humor, principalmente na lingüística, essa tarefa foi um tanto penosa. Aproveitando da interdisciplinalidade que é constitutiva da LT, fomos buscar “ajuda” em outros campos lingüísticos, como a AD e a Pragmática, e também em outras áreas de conhecimento como a Psicanálise, Antropologia e História, principalmente no que se referia ao humor.

Segundo: tomando por base a concepção de gênero de Bakhtin (1999[1929]) e Marcuschi (2003), principalmente, como “enquadrar” a piada neste conceito? Em que medida podemos falar em tema, forma composicional e função na piada? Esse movimento era importante porque através da “identificação” dessas características nos textos que considerávamos como pertencentes ao gênero piada, poderíamos pensar na conceituação, constituição e práticas deste gênero.

Para nós, interessava-nos caracterizar a piada como um gênero pertencente ao domínio do humor, pelo fato de que o humor permite rir com e contra o outro, seja de uma pessoa em particular ou uma de instituição, e também porque demanda um trabalho não apenas com o conteúdo, mas também com a linguagem. Raskin, na tentativa de estabelecer uma teoria semântica baseada em scripts para estudar o humor, baseando-se, para isso, nas piadas, o define como um ato de comunicação *non-bona-fide*; isto é, a função do humor não seria, necessariamente, a de fornecer informação, mas principalmente brincar, inverter, “transgredir” as normas lingüisticamente, pragmaticamente e socialmente estabelecidas. Assim, a princípio, a piada viola uma das quatro máximas estabelecidas por Grice: o que o leitor vai fazer, ao reconhecer a violação e enquadrá-la dentro do gênero humor, é passar para o modo de comunicação *non-bona-fide*, isto é, reinterpretar o texto, reconhecendo a violação como um ato proposital.

Neste momento, podemos estabelecer uma relação estreita entre coerência e piadas, pois conseguimos atribuir coerência a uma piada, apesar de ela apresentar uma quebra no andamento do texto, por passar de um script para outro. Segundo Koch (1998: 41) “A coerência é muito mais do que meramente uma qualidade ou propriedade do texto, é o resultado de uma construção feita pelos interlocutores, numa situação de interação dada, pela atuação conjunta de uma série de fatores de ordem cognitiva, situacional, sócio-cultural e interacional.” Assim, um texto não é coerente por si só, ele se torna coerente, uma vez que estamos concebendo que o texto seja tomado como um processo, não como um produto. Isto equivale dizer que a coerência não é uma propriedade textual identificável em marcas morfo-fonológicas inscritas na superfície (Marcuschi, 2000), mas sim em processos, de modo que ela é discursivamente produzida. Para o estudo das piadas, ou melhor, para a compreensão delas, a noção de coerência como algo que é construído no texto e não como algo que existe *a priori* é extremamente importante. Por ser a piada um gênero que se caracteriza pela quebra de expectativa, pelas pistas despistadoras, pela ambigüidade, etc, os textos que se enquadram dentro desse gênero poderiam ser tachados de incoerentes. Porém, como explicar o fato de que a piada produz sentido (s) e é um gênero compreensível? Talvez a resposta para que a piada, apesar de não apresentar algumas propriedades invocadas quando o assunto é coerência, mesmo assim não seja tachada de incoerente, é o fato de que a piada apresenta uma “lógica” coerente própria.

Quanto à característica formal, esta também vai auxiliar nessa tarefa de diferenciar a piada de outros gêneros, porque acreditamos que as piadas apresentam certas características textuais, principalmente o caráter narrativo, que não podem ser desprezadas quando da identificação deste gênero. A questão da estrutura, por mais surpreendente que seja, foi um dos critérios mais importantes para fazermos essa diferenciação. Surpreendente porque existe um certo desconforto por parte de pesquisas que trabalham, principalmente, com discurso em se levar em consideração a materialidade textual; mas, no caso das piadas, esse fator foi de extrema importância

para que pudéssemos estabelecer esse “divisor de águas” entre a piada e outros gêneros, principalmente em relação às adivinhas, que é um dos gêneros mais comumente associados às piadas. Embora seja extremamente importante definirmos a piada pelos temas que aborda e pela função que pode vir a exercer, esta definição não seria “completa” se não fosse ressaltado também o aspecto da forma composicional. Cabe essa ressalva, porque os estudos de gêneros hoje estão se pautando muito na questão da função que cada gênero exerce, numa tentativa não apenas de encontrar um critério que possa ser decisivo para identificá-lo, mas também, como reflexo de um desejo de fugir a qualquer classificação que seja embasada numa questão formal-estrutural do texto.

Attardo e Chabanne (1992), no artigo “*Jokes as a text type*”, fazem algumas considerações a respeito da base narrativa presente nas piadas. Segundo estes autores, a maioria das piadas termina com um diálogo, para dar voz aos personagens. Porém, é importante salientar que tanto os personagens quanto os diálogos nas piadas são mínimos, muito raramente os personagens excedem o número de dois, o mesmo se dando com os diálogos; estes, geralmente, possuem duas linhas ou até mesmo uma. É frequente também, precedendo o diálogo, virem algumas linhas contextualizando a narrativa, dando ao leitor alguma referência de lugar, tempo e, principalmente, dando alguma informação sobre a identidade social/cultural dos personagens. Para nós, parece-nos também interessante a posição de Ruch, Attardo e Raskin (1993) quando, na verificação da teoria geral de humor verbal, a respeito da estratégia narrativa presente nas piadas, eles dizem que “a estratégia narrativa aponta para o fato de que qualquer piada tem que ser enquadrada em alguma forma de organização narrativa, isto é, ou como uma simples narrativa (*framed*), ou como um diálogo (pergunta e resposta), ou como uma (pseudo-) adivinha, ou como fazendo parte de uma conversação, etc.”¹ (p. 124)

Embora já venhamos discutindo se adivinhas e piadas são a mesma coisa, achamos bastante razoável a forma como esses autores lidam com a questão da narrativa, principalmente o fato de eles defenderem que “qualquer piada” vai apresentar sempre uma seqüência narrativa, seja de que tipo for, simples ou complexa.

Tão importante quanto a estrutura, é a discussão sobre que temas estão mais presentes nas piadas e que função eles exercem ou a que práticas eles remetem. É fato que as piadas mobilizam uns discursos e outros não: temas polêmicos, estereótipos sociais e lingüísticos, fatos da política nacional e estrangeira são mais facilmente encontráveis em piadas do que a narração do dia-a-dia de uma dona de casa, por exemplo; a não ser que aborde algum fato, geralmente não muito elogioso, que faça parte do imaginário social. Analisando as classificações em relação aos temas presentes nas piadas feitas por alguns autores, tais como Possenti (1998), por exemplo, é possível perceber uma recorrência dos temas sexual e étnico. Social não é uma classificação

¹ “The narrative strategy (NS) accounts for the fact that any joke has to be cast in some form of narrative organization, that is either as a simple (framed) narrative, as a dialogue (question and answer), as a (pseudo-) riddle, as an aside an conversation, etc.”

aceitável, a nosso ver, porque o humor por si só já é social. Na verdade, poderíamos dizer que todas as categorias são sub-tipos desta; hostil também é complicado, porque uma piada sobre a “suposta” avareza dos turcos, além de étnica, também será hostil; quanto ao humor político, talvez o termo melhor para definir as piadas que versam sobre a “não suposta” corrupção dos nossos governantes, seria piada *sobre* políticos, já que todas as piadas que se enquadram nas categorias crítica e hostil, de certa forma, são ou estão fazendo política.

Essa abundância e variação quanto à classificação dos temas abordados pela piada clareou um pouco quando ligamos o tema ao propósito que a piada quer atingir. Para nós, é difícil falarmos em tema e estrutura sem fazer uma conexão com a função que o gênero desempenha num determinado contexto de interação entre os sujeitos, já que são essas as três faces caracterizadoras do gênero. A questão, a nosso ver, é que não podemos deixar tudo a cargo de uma única característica. A própria definição que Swales (1990) nos dá acerca do propósito comunicativo já nos diz isso, ao salientar que: “Esta razão (propósito; função) constitui a estrutura esquemática do discurso, influenciando e restringindo a escolha do conteúdo e do estilo”. Concordamos inteiramente: um gênero não pode ser restrito apenas a sua estrutura, nem a seu conteúdo, muito menos ao seu propósito. Esses três elementos têm que estar unidos, além de um outro, que julgamos essencial para que se possa identificar e diferenciar um gênero: o contexto, seja do texto, seja da situação sócio-histórica-interativa à qual o gênero se remete. Muitas vezes temos um gênero que possui todas as características claramente identificáveis, mas que, por fazer parte de um contexto específico e possuir um propósito específico, acaba por adquirir as “feições” de outros gêneros. Isso é muito frequente nas piadas.

Pensando em elucidar um pouco a questão, pensamos que seja possível falar em função principal e em função subsidiária no que se refere às piadas. É possível por duas razões: (i) a ligação direta entre humor e riso é um mito, uma vez que podemos rir de coisas que não têm nada a ver com humor e, também, nem sempre a piada tem que causar uma explosão de riso: o humor não tem que estar ligado ao ato fisiológico de rir. (ii) mesmo levando em consideração (i), é inegável que, para uma piada “funcionar”, o interlocutor tem que, ao menos, reconhecer o traço do humor no que acabou de ouvir/ler e daí esboçar um sorriso ou não. O que estamos chamando de função subsidiária tem uma ligação estreita com a questão dos temas abordados: piadas que possuem temas sexuais ou étnicos têm como função também a de denunciar certas práticas discriminatórias ou mesmo de perpetuá-las. A questão que se coloca é: mesmo quando elas estão “a serviço” de um determinado discurso, discriminatório ou crítico, mesmo que haja um mal-estar, um certo desconforto diante da piada, o primeiro aspecto que nos vem à cabeça é que se trata de uma “brincadeira”, mesmo que seja de mau gosto. Por isso, quando recebemos como corpus vários textos que foram classificados como pertencentes ao gênero piadas, por possuírem algum efeito de humor, não consideramos errada ou desviante essa “resposta” que tivemos dos usuários. Não podemos desconsiderar o fato de que muitas pessoas classificam esses textos como piadas, daí

estarmos sempre ressaltando que o nosso interesse é propor possibilidades e não verdades.

Nesse sentido, propomos uma “definição” para o gênero piada. Definição esta que deve ser vista, “antes de mais nada e acima de tudo”, muito mais como uma sistematização do que dissertamos até agora, do que como alguma definição “nova e inusitada”, como se a piada não pudesse ser vista de outra forma; mesmo porque, como lembramos, o fato de as pessoas confundirem qualquer texto risível com piadas nos revela um dado importante sobre nossas práticas.

O gênero piada parte de um ponto de vista coletivo (sócio-cultural) e é atravessado pelos discursos produzidos na sociedade; é tendencialmente curto e contém características básicas de uma narrativa. Apresenta dois scripts opostos que, geralmente, dizem respeito a algum estereótipo (tema), seja lingüístico ou social, que serão ativados através de um gatilho e, além disso, contém uma característica pragmático-discursiva non-bona-fide, que “fecha” o texto. Para que o desfecho produza humor, principal função da piada, o leitor/ouvinte terá que buscar amparo no contexto, uma vez que a piada vai “brincar” tanto com fatos lingüísticos, como com fatos concernentes ao entorno sócio-cultural para veicular discursos geralmente “não-autorizados” socialmente.

Mais importante do que estabelecer uma definição para a piada, foi o movimento-objetivo da dissertação de reivindicar um “status genérico” para elas, pois isso vai contra, de certa forma, a assunção mais corrente sobre as piadas, que corresponderia ao que Barthes chamou de “princípio enunciativo”. Todos os gêneros que têm o humor como característica, por si só, já são muito difíceis de serem enquadrados porque é possível perceber a presença do humor e, mais especificamente das piadas, em vários outros gêneros, a ponto de ser difícil distinguir entre uma piada e uma adivinha ou entre uma piada e uma charge, por exemplo. O que acontece é que algumas vezes uma adivinha pode “funcionar” como uma piada, o mesmo acontecendo com outros gêneros. Além disso, o próprio caráter narrativo que a piada possui lhe confere essa característica de “estar” em várias práticas nas quais a linguagem atue de forma constitutiva do evento comunicativo em processo. Nas próprias palavras de Barthes, a respeito do princípio enunciativo:

“Inúmeras são as narrativas do mundo. Há, em primeiro lugar, uma variedade prodigiosa de gêneros distribuídos entre substâncias diferentes, como se toda matéria fosse boa para que o homem lhe confiasse suas narrativas: a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou imóvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopéia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomina, no *fait divers*, na conversação. Além disto, sob estas foras quase infinitas, a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não dá, não há em parte alguma povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos tem suas narrativas, e freqüentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes e mesmo opostas: a narrativa ridiculariza a boa

e a má-literatura: internacional, trans-histórica, transcultural, a narrativa está aí, como a vida.” (Barthes, 1976:18)

O nosso empenho foi mostrar que a piada, apesar de comumente ser vista como algo que transcende ela mesma, devida a essa intensa mobilidade que lhe é constitutiva, possui na sua constituição também elementos mais ou menos estáveis que nos fazem reconhecer um texto como piadístico. É inegável que o termo “piada” remete a vários usos e sentidos, de forma que a nossa tarefa foi a de recortar e descrever um desses sentidos e usos, a saber o (um) que funciona como gênero textual. Considerar a piada como um gênero textual não significa encerrá-la em tipologias estanques, formas fixas, temas fixos, ou muito menos reivindicar uma pretensa originalidade ou pureza para este gênero, tirando-lhe a mobilidade que lhe é peculiar; mobilidade esta, aliás, que é peculiar a todos os gêneros.

Obviamente, temos exemplos-limite, como o exemplo abaixo², que é um depoimento que possui características narrativas, aborda um tema sexual (o problema do assédio de patrões em relação aos empregados) e provoca o riso, tendo uma função secundária ainda de criticar essa prática de alguns patrões. Apesar de tudo isso, classificamos este exemplo como um depoimento, ou melhor, como *não necessariamente uma piada*, uma vez que, mesmo admitindo que há uma imbricação entre os gêneros bastante forte neste exemplo, pensamos que a predominância estrutural é a de um depoimento, um relato de uma situação que teve um final constrangedor. Embora se possa e deva questionar esta classificação, se fôssemos olhar para a questão da função, critério com certeza adotado pelos usuários da *internet*, poderíamos enquadrá-lo como piada; mesmo assim, teríamos que responder ao fato de que é possível em um depoimento se contar algo que teve um final engraçado e, nem por isso, ser classificado como uma piada. Podemos também dizer que este exemplo constitui uma “intertextualidade intergenérica” (Koch, 2002), já que temos um gênero (piada) que dialoga, se insere,

² *Porque Demiti Minha Secretária*

“Era meu aniversário de 37 anos, meu humor não estava lá essas coisas. Naquela manhã, ao acordar dirigi-me à copa para tomar café na expectativa de que minha mulher dissesse: “Feliz aniversário, querido”. Mas ela não disse nem bom dia. Aí pensei: “Essa é a mulher que eu mereço!” Mas continuei e imaginei: “As crianças certamente lembrarão”. Quando elas chegaram para o café, não disseram nem uma palavra. Saí bastante desanimado, mas senti um pouco melhor quando entrei no escritório e Janete, minha secretária, disse: -Bom dia, chefe, Feliz Aniversário. Finalmente alguém havia lembrado. Trabalhei até o meio dia, quando Janete entrou na minha sala dizendo: -Sabe chefe. Está um dia lindo lá fora, e já que é o dia do seu aniversário, podemos almoçar juntos, só o senhor e eu. Fomos a um lugar bastante reservado. Nos divertimos muito, e no caminho de volta ela sugeriu: -Chefe, com esse dia tão lindo, acho que não devemos voltar ao escritório. Vamos até o meu apartamento, e lá tomaremos um drinque... Fomos então para o apartamento dela, e enquanto eu saboreava um Martini ela disse: -Se não se importa, eu vou até o meu quarto vestir uma roupa mais confortável. -Tudo bem, respondi. -Fique à vontade. Decorridos mais ou menos cinco minutos, ela saiu do quarto carregando um bolo enorme, seguida de minha mulher, meus filhos e amigos e todo o pessoal do escritório, todos cantando: Parabéns para Você”. E LÁ ESTAVA EU, NU, SÓ DE MEIAS, SENTADO NO SOFÁ DA SALA...”

interage com outro (depoimento), ou vice versa. Porém, cremos que, mesmo que adotemos esse critério, ainda assim não dissiparemos as dúvidas quanto à classificação adotada, seja ela qual for.

O que poderia elucidar essa classificação seria o *contexto* no qual esse texto fosse enunciado. Se fosse alguém relatando uma situação que no final se mostrou desastrosa, seria um depoimento; se, ao invés disso, tivéssemos um contexto no qual o objetivo fosse o de contar/ouvir piadas, os interlocutores não teriam dúvida em classificar o texto acima como pertencente ao gênero piada. Classificações dadas fora de contextos situacionais específicos sempre vão esbarrar em contestações e, por isso, classificar este ou aquele gênero não foi o nosso objetivo na dissertação. Na verdade, essa polêmica é muito rica para o nosso objetivo, que foi o de mostrar a piada como um gênero textual, uma vez que revela que ela já tem uma constituição tão definida, que chega a se confundir, mesclar, se inserir em outros gêneros. Não importa a classificação que se dê, o que nos interessa é mostrar aqui que a piada possui forma composicional, tema e função (ões) e é justamente por isso que ela pode ser identificada em outros gêneros ou que outros gêneros podem ser reconhecidos nela.

Ao assumirmos na dissertação uma reflexão bakhtiniana a respeito dos gêneros, assumimos também uma perspectiva sócio-histórica e, ao fazermos isso, aceitamos que essa historicidade remete tanto a “eventos enunciativos que são prévios à constituição dos gêneros quanto possibilita o aparecimento de novos eventos enunciativos” (Gomes-Santos, 2004). Como reiteramos durante a dissertação e neste artigo, o que propomos aqui é antes de mais nada uma nova forma de olhar para a piada e, por isso, estivemos sempre refletindo sobre possibilidades e não sobre verdades; sobre processos e não sobre produtos; sobre “como” se constrói **uma** (s) resposta (s) para a nossa grande questão: “a piada é um gênero?” e não sobre **a** resposta pronta e acabada: a piada é um gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATTARDO & CHABANNE. (1992). *Joke as a text type*. Revista Humour.
- ATTARDO, S.; ATTARDO, D.H.; BALTES, P. & PETRAY, M.J. (1994) *The linear organization of jokes: analysis of two thousand texts*. Revista Humor. Vol. 7-1. pp. 27-54.
- BAKHTIN, M. (1999[1929]). “Os gêneros do discurso” In: *Estética da criação verbal*. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes.
- GOMES-SANTOS, S.N. (1999). *O gesto de recontar histórias: gêneros discursivos e produção escolar da escrita*. Campinas, SP: Unicamp. Dissertação de Mestrado.
- KOCH, I.G.V. (2002). *Desvendando os Segredos do Texto*. São Paulo: Cortez.
- _____. (1998). *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto.

- MARCUSCHI, L.A. (2003). A questão do suporte dos gêneros textuais. Revista OUTRAS PALAVRAS. Vol 1. Pós-Graduação em letras. João Pessoa: UFPB. _____ (2000). *Por uma proposta de classificação dos gêneros textuais*.
- POSSENTI, S. (2002). *Os limites do discurso*. Curitiba: Criar Edições.
- _____. (1998). *Os Humores da Língua: análises lingüísticas de piadas*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras.
- RASKIN, V. (1985). *Semantic mechanisms of humor*. Holland: D.Reidel Publishing Company.
- RUCH, W.; ATTARDO, S. & RASKIN, V. (1993). *Toward an empirical verification of the General Theory of Verbal Humor*. Revista Humor. Vol. 6-2. pp. 123-136.
- SWALES, J.M. (1990). *Genre Analysis. English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 1-65.